

GT 01 - DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL**INTERCULTURALISMO E A PRÁTICA DOCENTE:
LIDANDO COM A DIVERSIDADE E O PLURALISMO CULTURAL**Eloisa Sousa BORGES (UEG)¹Marcos Felipe ROCHA (UEG)²Mariana de Souza NEVES (UEG)³**Resumo**

Vivemos em uma época em que a consciência da diversidade cultural e a luta pelo respeito às diferenças têm estado em evidência nas discussões acadêmicas. Nesses termos, a escola como instituição social deve ser pensada sob esse enfoque, na medida em que ela tem um grande potencial transformador da realidade social. A escola contemporânea está repleta de diferenças culturais. As discussões sobre o crescimento dos grupos socioculturais e a prática docente intercultural geram questionamentos e colocam em evidência a necessidade da abrangência multicultural e diversificada das questões étnicas, raciais, de gênero, etc. Faz-se necessário compreender a escola do século XXI, suas implicações, formação sócio-histórica e seus desafios. A educação deverá ser postulada pelo respeito às diferenças e os princípios da igualdade, e os docentes deverão relacionar e trabalhar a heterogeneidade e fazer da “diferença” uma abordagem de conhecimento. Deste modo, neste artigo, propõe-se discutir a prática docente sob o viés do interculturalismo, ponderando suas características fundamentais e algumas de suas aplicações e funções. Foca-se nas perspectivas da sociedade contemporânea e suas implicações, no princípio da alteridade em meio ao processo ensino-aprendizagem, na crítica à retórica e não abrangente teoria multiculturalista e, também, na necessidade de uma prática que contemple o indivíduo e sua cultura – o interculturalismo, fazendo da diferença o projeto educativo. Baseia-se em autores como Fleuri (1999), Reis (2013) e Candau (2015). Sendo assim, será exposto o dinamismo existente em cada tópico, expondo e exemplificando, sem perder o referencial, e também, estabelecendo diálogos com a prática docente.

Palavras-chave: Interculturalismo. Docência. Diversidade.

¹ elosousa98@hotmail.com² marcosfelipe.aguasanta@hotmail.com³ mariana_mat2@hotmail.com

Introdução

A sociedade contemporânea é socialmente marcada por ser uma época de fortes transformações. A educação, como instrumento formador dos indivíduos, tem como função ajudá-lo a melhor compreender seu eu e as relações com outros no espaço social, desvinculando o modo obsoleto das ciências da modernidade que vêm causando uma desvalorização irreversível das possibilidades do conhecimento. Diante disso, é plausível discutir e analisar a prática docente, pois é precursora nas discussões relacionadas à tomada de consciência da diversidade cultural e a da luta pelo respeito às diferenças. Num movimento intercultural, a escola é um espaço de trocas de experiências e discussões que docentes e discentes enriquecem-se pela diversidade de conhecimentos debatidos. Reconhecer o outro como parte integrante de si, deve ultrapassar os ideais da modernidade, praticando a pedagogia da alteridade na prática docente garantirá o aprofundamento nas relações sociais.

A educação e a sociedade contemporânea

64

“A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos” (SAVIANI, 2000, p 15). Com essa assertiva, Saviani propicia alguns questionamentos, pois para compreender o caráter da educação faz-se necessário compreender a natureza humana. Os homens são distintos dos outros animais pelo seu potencial em adaptar a natureza à sua realidade, transformando-a, já os demais seres, adaptam-se a ela para sobreviverem. Dessa forma, o homem deve produzir a todo momento para assegurar sua existência. Transformando a natureza, o homem produz trabalho, e este diferencia o indivíduo que esboça as suas ações e toma consciência de seus atos. A partir de seus descontentamentos, e também pelo anseio do bem-estar, os seres humanos propõem-se novos alvos que contemplam além das necessidades naturais.

A educação surge como instrumento humanizador, ensinando as pessoas ordenar a natureza a seu favor, agirem como indivíduos sociais, assim, adquirirem modos de pensar, falar, agir, conforme o contexto cultural que estão inseridos. Desta forma, a educação é recorrente por toda a vida, começando desde a concepção e prolongando por toda a existência. Com isso, os indivíduos, constantemente, reeducam-se e autoeducam-se. Conforme Gadotti (1997), não existe idade para a educação, de que ela se estende pela vida e que não é neutra. A educação pode e/ou é feita por intervenção do outro, contrapondo as teorias primitivas que a educação fosse um processo neutral.

Os tempos mudaram, e, por conseguinte as exigências do âmbito educacional também. É momento de abandonar as velhas práticas que já não impactam como antes, é preciso considerar a

conectividade dos alunos, a agilidade das informações e, principalmente, aprender a interagir com os diferentes grupos sociais. Assim, na sociedade contemporânea, o educador intervém de modo a propiciar o acesso dos sujeitos à cultura e ao conhecimento:

“A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com o postulado básico de Vygotsky a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança”.(LA TAILLE, 1992, p 33).

As mudanças no meio social interferem na escola, que, por sua vez, modifica o processo educativo, buscando adequação às demandas sociais contemporâneas, abdicando os processos retrógrados que já não apresentam mais eficiência em seu exercício. Mais do que ensinar a grade de conteúdos, é primordial que a escola desenvolva atitudes positivas no intuito de promover a educação cultural e integral do indivíduo.

Conforme Fleuri (2001) tem-se um contexto intercultural, sendo indissociáveis as relações entre cultura, escola e sociedade. A escola deve ter seu trabalho voltado para a edificação das identidades pessoais e culturais de cada indivíduo, desenvolvendo processos de interação, respeito e solidariedade:

Caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes e busca desenvolver concepções e estratégias educativas para o enfrentamento dos conflitos visando a superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais e compreende o hibridismo e a ambivalência como constitutivos das identidades e das relações interculturais. (FLEURI, 2001, p. 145)

O multiculturalismo e suas deficiências

O multiculturalismo surgiu através de discussões e reivindicações dos mais diversos grupos e movimentos sociais, com a urgência de discutirem-se questões de diversidade. Os questionamentos surgiram mediante a problemática da unilateralidade da educação, que sempre apresentou suas ações voltadas aos saberes e culturas dominantes. O termo multicultural surgiu em meio às lutas raciais empreendidas pelos negros norte-americanos contra o racismo proliferado no seu território.

O desenvolvimento da identidade multicultural no Brasil deu-se em meados da década de 1970, construído em meio a democracia social, uniu-se a necessidade de desenvolver um princípio homogeneizador na sociedade brasileira. Inicialmente, o intuito era de apresentar uma identidade que abolisse a desordem provocada pelas discussões raciais como uma idade de igualdade social. Logo

em seguida, com o relaxamento do militarismo (1964-1984) no final dos anos 70, os movimentos sociais antirracismo propuseram debates entorno da democracia racial. Desta forma, iniciaram as lutas pelo reconhecimento do racismo no Brasil.

A partir do reconhecimento das individualidades e das diferenças entre as pessoas que surgiu o multiculturalismo. Para esta vertente fosse eficaz, propunha-se que a escola, como espaço legítimo de socialização, implicasse o convívio multicultural, estabelecendo o respeito e os diálogos com os diversos valores. Assim, o multiculturalismo ocorre em meio ao convívio nos espaços sociais promovendo o respeito e as interações com o intuito de desenvolver a aprendizagem. O docente precisa ter bons planejamentos para mediar às situações de convívio e ensino-aprendizagem.

Grupos distintos convivendo sem necessidade de interação, reconhecimento da diversidade religiosa, étnica e cultural, são traços marcantes do multiculturalismo, e, tendo esses preceitos, o educador – considerando a diversidade – desenvolve sua proposta educativa de modo a evitar danos. Assim, nessa prática, o respeito mútuo é propagado e as diferentes culturas são tidas como conteúdo a ser estudado.

Fleuri (1999) crítica a omissão do multiculturalismo em reconhecer as diferenças e não fazer delas uma oportunidade de interação cultural, assim, apresenta outra teoria que contemple tais deficiências:

A primeira distinção entre a proposta de educação multicultural e a de educação intercultural refere-se à "intencionalidade" que motiva a relação entre grupos culturais diferentes. A perspectiva multicultural reconhece as diferenças étnicas, culturais e religiosas entre grupos que coabitam no mesmo contexto. O educador que assume uma perspectiva multicultural considera a diversidade cultural como um fato, do qual se toma consciência, procurando adaptar-lhe uma proposta educativa. Adaptar-se, neste sentido, significa limitar os danos sobre si e sobre os outros. Mas o educador passa da perspectiva multicultural à intercultural, quando constrói um projeto educativo intencional para promover a relação entre pessoas de culturas diferentes. (FLEURI, 1999, p. 279)

Ainda apresenta outro aspecto relevante na distinção entre essas vertentes:

A segunda distinção entre educação multicultural e educação intercultural se refere aos diferentes modos de se entender a relação entre culturas na prática educativa. Na perspectiva multicultural, entende-se, de modo geral, as culturas diferentes como objetos de estudo, como matéria a ser aprendida. Ao contrário, na perspectiva intercultural os educadores e educandos não reduzem a outra cultura a um objeto de estudo a mais, mas a consideram como um modo próprio de um grupo social ver e interagir com a realidade. (FLEURI, 1999, p. 279)

Educação, alteridade, interculturalismo e a prática docente

Partindo-se do pressuposto da educação como um empreendimento coletivo transformador da realidade social, faz-se necessário que pensemos o papel do outro no processo educativo. O modelo de escola que se posta atualmente parte de uma monocultura que homogeneíza as pessoas, na medida em que se coloca um modo dominante de se ensinar e aprender sem, contudo, respeitar as diversidades. Todo esse contexto tem pouca relação com a trama social diversa que é a realidade das sociedades atuais. É importante então que a reinvenção das nossas práticas escolares esteja na ordem do dia e que a diversidade e a alteridade sejam à base dessa renovação (REIS, LOPES, 2016).

A alteridade será entendida aqui como a capacidade humana de colocar-se no lugar do outro com cordialidade e respeito, de maneira a tentar compreender o lugar que este outro ocupa no mundo. Para a educação a alteridade deve ser pensada de modo a proporcionar o encontro entre diferentes de forma a enriquecer os repertórios culturais de ambos. Por esta perspectiva, a cultura do outro não seria apenas um objeto de conhecimento, mas sim um modo particular de se enxergar o mundo. A diversidade entendida como “o reconhecimento e o respeito à diferença, à riqueza dos múltiplos olhares e das diversas maneiras de ser e pensar do ser humano que é complexo e constituído por identidades” (REIS; LOPES, 2016, p.155) constitui-se importante ponto de reflexão para a prática docente. Nessa perspectiva, o reconhecimento das diferenças é central para a educação e isso reverbera na forma como são organizados o currículo, os conteúdos e as formas de se ensinar e aprender.

O que se coloca como urgente é a necessidade de se proporcionar uma interação no ambiente escolar que vise à superação dos conflitos que surgem em função das diferenças. Desse modo, o que se se propõe é uma pedagogia orientada pela alteridade. O conflito é visto “como possibilidade de novas descobertas, de superação de fronteiras, de reconhecimento do outro como outro, com valores e potencialidades” (REIS; LOPES, 2016, p. 156). Nessa perspectiva as práticas escolares tem papel fundamental na construção de um novo paradigma educacional, pautado na formação de sujeitos capazes de dialogar com as diversidades que o rodeiam (REIS; LOPES, 2016, p. 156).

A compreensão do papel do outro na formação da “minha” identidade atua como fator de aproximação através do diálogo. Por meio da alteridade somos capazes de perceber como o outro nos afeta, na medida em que é por meio dele que se estabelece o que se quer ou não se quer ser. Através desse movimento, compreende-se o lugar de fala daquela pessoa, estabelecendo-se um laço de solidariedade e respeito por aquilo que ela é (FURTADO, 2012).

Nesses termos, a formação de professores e a renovação das práticas pedagógicas aparecem como questões estruturantes no sentido da mudança para a educação intercultural. Formar professores críticos-reflexivos, comprometidos com a emancipação dos seres humanos e capazes de romper com essa tradição monocultural hegemônica, seria um dos caminhos para a superação dessa educação que subalterniza o indivíduo. Nesse sentido, a formação docente e as práticas pedagógicas devem estar alinhadas aos “propósitos de uma educação centrada ‘na e para’ a diversidade humana” (REIS; LOPES, 2016, p. 160).

Como medidas práticas, Reis e Lopes (2016) apontam que é necessário superar a falta de diálogo existente entre as disciplinas e promover uma organização interdisciplinar na construção dos conhecimentos. Outro aspecto a ser revisado seriam as práticas de valorização da homogeneidade que são fundantes das nossas ações pedagógicas. A tendência seria compreender que existem diferentes formas de se aprender e que essa aprendizagem produz resultados diversos e às vezes inesperados. Na proposta da diversidade o ambiente educacional é palco de interações mútuas de ensino e aprendizagem, numa troca de experiências e saberes.

Por esta visão a centralidade desse processo não recai apenas sobre o professor, posto que “A prática docente, pensada com base na perspectiva da alteridade, passa a ser concebida como um processo constituído pela relação particular e intensa entre diferentes sujeitos, os quais possuem opções e projetos também diferenciados” (FURTADO, 2012, p.05). Professor e aluno, possuidores de identidades diferentes, interagem no processo de ensino e aprendizagem compreendido sob essa perspectiva como uma via de mão dupla, na qual ambos os atores aprendem e ensinam.

Sob este enfoque, retomam-se as discussões acerca da identidade docente. Por meio dessa interação com os sujeitos da educação, o professor constrói-se e reconstrói-se, na medida em que aprende diariamente e busca, por meio da auto avaliação, redefinir suas práticas pedagógicas e o seu trabalho, visando tornar-se cada vez melhor em sua profissão.

No que concerne a medidas mais abrangentes, Candau (2016) coloca que o currículo necessita ser mais democrático e integrador, na medida em que traga abordagens diversas que permeiem as disciplinas de maneira a demonstrar a dinamicidade das culturas, denunciar as injustiças, fomentar a solidariedade e promover uma relação recíproca entre as culturas. De maneira ainda mais abrangente, faz-se necessário articular as mudanças supracitadas no âmbito das políticas públicas para educação, destacando “o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural com as questões relativas à igualdade e ao direito a educação como direito de todos/as” (p.9).

Considerações finais

Com novas exigências no âmbito educacional, a prática docente tem a necessidade de se adequar ao contexto em que está inserido, buscar uma autorreflexão, estar conectada com o mundo das informações e interagir com os diferentes grupos sociais e, sobretudo efetivar - se a perspectiva intercultural.

Nesse viés é necessário discutir sobre a função social da escola para explicitar algumas alternativas educacionais que possam transformar o sujeito em crítico reflexivo e emancipador, com isso a proposta de educação intercultural surge como um viés político-pedagógico com o intuito de formar cidadãos e transpor os preconceitos e as discriminações que desapropriam os indivíduos de seus direitos e coletividades. É imprescindível que os educadores estejam refletindo e reinventando suas práticas a fim de embasar as renovações nos princípios da alteridade e da diversidade.

A perspectiva intercultural faz-nos repensar a concepção da prática docente elaborando e propondo situações que favoreçam as diferentes relações no contexto educativo. É fundamental que o prestígio e o respeito às diferenças, às riquezas das diversas opiniões e dos diversos modos de existir e refletir dos indivíduos que são complexos e compostos por identidades.

Referências

CANDAU, V. M., (2000). Cotidiano escolar e cultura(as): encontros e desencontros. *In*: _____, *Reinventar a escola*. Petrópolis: Vozes. p. 61-78.

_____. *Interculturalidade e educação escolar*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_Interculturalidade.htm>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FLEURI, R.M. Educação intercultural no Brasil: a perspectiva epistemológica da complexidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.80, n.196, p. 277-289, 1999.

_____. *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

FURTADO, J. *Docência e alteridade*. Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo: COEB, 2012.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DATAS, Heloysa (Org.). Piaget, Vygotsky, Wallon. *Teorias psicogenéticas em discussão*. 13 ed. São Paulo: Summus, 1992.

MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F.; Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 1999.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; LOPES, Cristiane Rosa. Educação e diversidade: uma relação de alteridade nas práticas escolares. In: *Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares*. SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (org.). Anápolis: Editora UEG, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A construção intercultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações*. Campinas: Ed. Autores Associados, 2000.

VIEIRA, R. S. Educação intercultural: uma proposta de ação no mundo multicultural.